



## Comunicação Comunitária e Extensão: Desafios e Possibilidades<sup>1</sup>

Ilza Maria Tourinho GIRARDI<sup>2</sup>

Ângela CAMANA<sup>3</sup>

Débora Gallas STEIGLEDER<sup>4</sup>

### Resumo

O artigo de caráter analítico-reflexivo pensa a comunicação comunitária no contexto da extensão universitária. Discute o papel da comunicação na construção de uma sociedade mais justa. A partir de Peruzzo (2002, 2007), Gentili (2002), entre outros, reflete sobre a posição das rádios comunitárias frente a uma sociedade mediatizada. Apresenta a história do Núcleo de Comunicação Comunitária (NUCC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os desafios enfrentados para atingir os objetivos propostos, bem como as possibilidades de trabalho que se revelam.

### Palavras-chave

Comunicação Comunitária; Rádio; Extensão; Cidadania; NUCC.

### Introdução

A sociedade contemporânea pode ser caracterizada pela sensação constante de que precisamos mais: buscamos mais conhecimento, mais dinheiro, mais amizades, mais sucesso. Somos atingidos todos os dias por enxurradas de notícias e reportagens, vindas de todos os lados: não mais os jornais, rádios e redes televisivas configuram-se como fontes de informação, a internet e as redes sociais reconfiguraram este cenário de múltiplas mensagens. Entretanto, quando questionamos se a quantidade de informações que nos cercam refletem uma pluralidade de vozes e percepções, a resposta nem sempre é positiva.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na modalidade Artigo Científico na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

<sup>2</sup> Jornalista, Professora no PPGCOM/UFRGS. Doutora em Ciências da Comunicação pela USP, líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental CNPq/UFRGS; e-mail: [ilza.girardi@ufrgs.br](mailto:ilza.girardi@ufrgs.br)

<sup>3</sup> Jornalista pela UFRGS e mestranda em Comunicação e Informação pela mesma instituição. Bolsista Capes. Estudante de Ciências Sociais no IFCH/UFRGS. E-mail: [angela.camana@ufrgs.br](mailto:angela.camana@ufrgs.br)

<sup>4</sup> Jornalista pela UFRGS e mestranda em Comunicação e Informação pela mesma instituição. E-mail: [deboragallas@gmail.com](mailto:deboragallas@gmail.com)



Enquanto um número pequeno de corporações possui múltiplos veículos em diversas mídias, a comunicação popular ou alternativa sofre com barreiras legais e sociais que não afetam as grandes redes. Assim, deparamo-nos com um cenário jornalístico que é dominado por poucos grupos travestidos de inúmeros veículos, os quais produzem e vendem a ideia da variedade de informações.

Diante deste contexto, buscamos refletir sobre o papel da comunicação na promoção de um mundo mais justo e na efetivação da cidadania. Partindo do pressuposto que o acesso à informação é um direito de todos os indivíduos (GENTILLI, 2002), questionamos aqui o jornalismo praticado pela imprensa de referência enquanto agente de transformação social. A partir disso, apresentamos a comunicação comunitária como alternativa ao cenário que se dá atualmente e o papel da universidade e da extensão nesse processo. Para discutirmos as possibilidades oferecidas pela comunicação comunitária no contexto da atividade extensionista, utilizaremos a experiência do Núcleo de Comunicação Comunitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NUCC – UFRGS).

Inicialmente, o NUCC buscou uma parceria com a comunidade da Vila Planetário, área vizinha à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (FABICO). O projeto visava a uma troca mútua de conhecimentos, o que fortaleceria os vínculos entre as partes envolvidas e possibilitaria a livre circulação de informação no espaço compartilhado por comunidade e Universidade. A rádio comunitária, por seu caráter democrático e autogestionário, foi a ferramenta que se adequou a tal proposta. Mais tarde, a experiência foi ampliada quando o Núcleo passou a promover oficinas para formação de comunicadores comunitários abertas ao público em geral.

Diante dessa experiência, nosso objetivo é refletir sobre a contribuição das ações desenvolvidas para a consolidação da cidadania de todos os envolvidos na atividade de extensão. Acreditamos também que um dos trunfos desta seja demonstrar aos acadêmicos a possibilidade do exercício profissional mais atento às questões sociais. Consideramos a democratização da comunicação uma pauta fundamental para a formação humanizada dos comunicadores sociais, que, através de suas práticas e saberes, devem mobilizar cidadãos. Neste trabalho, ainda buscamos identificar os entraves para chegarmos ao público-alvo e avaliamos nossos métodos de planejamento e ações de aproximação com a comunidade.



## **A comunicação que buscamos**

O conceito de cidadania se modifica e reconfigura no tempo e no espaço, incorporando diferentes elementos a cada nova definição. Enquanto na Roma e Grécia Antigas a cidadania contava com diversas gradações e estava vinculada a liberdade e a direitos políticos e de participação, hoje percebemos a cidadania de modo mais amplo e complexo. Convencionou-se tratar a cidadania através do conceito clássico cunhado por Marshall (s/d), o qual envolve três dimensões de direitos: os civis e os políticos (de primeira geração) e os sociais (de segunda geração).

Os direitos civis correspondem às garantias de liberdade, como o direito de ir e vir, à propriedade privada, à segurança, entre outros. Para Marshall (1967), após a conquista dos direitos civis, viriam os políticos, que garantem a possibilidade de votar e ser votado para representação formal, liberdade para livre associação, organização em grupos, assembleias, sindicatos, entre outros. Após, surgem os direitos de segunda ordem, os sociais. Estes são balizados pela promoção da igualdade entre os indivíduos e garantem o acesso justo aos meios da vida e do bem estar, como a educação, a saúde, o trabalho, entre outros. A cidadania é plena apenas quando estão presentes estas três dimensões de direitos.

Estas definição e hierarquização, entretanto, impõem dificuldades para pensarmos no cenário brasileiro. Se na Inglaterra da consolidação da burguesia vista por Marshall a ordem dada é uma, no Brasil a conquista de direitos se deu de maneira tardia e distinta. Entretanto, tal diferença permite pensarmos que

A cidadania não se limita às relações oficiais, como a legalização de direitos e sua cobrança através dos órgãos oficiais pela sua realização completa. Cidadania, nessa visão, não é tanto o eleitor. É mais o sujeito histórico que cobra do Estado, por meios formais ou informais, o reconhecimento daquilo que julga um direito seu, independente de estar, esse princípio, regulamentado juridicamente pelo Estado. (PACHECO, 2001, p. 22-23.)

Aqui, entenderemos a cidadania como o direito a ter direitos, sendo estes de diversas ordens. Ademais da tradicional proposta de Marshall (1967), já pensamos hoje em novas dimensões de garantias que compõem e efetivam a cidadania, como o direito à informação e à comunicação, os quais se configuram como direitos de quarta geração.

Em 1948, a Organização das Nações Unidas divulgou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, documento que pretende balizar as ações no que toca a proteção dos



direitos dos indivíduos. No artigo XIX desta carta (ONU, 2000, p.9), temos que “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.”.

Assim, não apenas a informação se torna um direito amparado pela ONU, mas também a comunicação. Ao refletirmos sobre o significado deste direito, acreditamos que ele inclui também o acesso aos meios de comunicação, difusores de informação. Para Gentili (2002, p. 39), os direitos civis como propostos tradicionalmente não promovem a igualdade entre os indivíduos, o que gera a necessidade de outras formas de direitos para a consolidação da democracia: surge dessa situação o direito à informação. Este deve ser compreendido como um direito-meio, ou seja, um pressuposto para que os outros direitos sejam alcançados e alargados pela sociedade, fomentando a prática da cidadania. Nesse sentido, nos cabe avaliar se este direito vem sendo efetivado na prática e como isto se dá.

De acordo com o estudo *Donos da Mídia*, promovido pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (2013), o Brasil conta com 9.477 veículos de comunicação, dentre emissoras de rádio, televisão, jornais, entre outros. Destes, 938 veículos são controlados por apenas cinco grandes grupos nacionais e seus afiliados regionais. O evidente oligopólio se consolida com a legislação falha, a falta de um marco regulatório para a imprensa e de um conselho nacional de comunicação. Assim, temos uma concentração de veículos que resulta em informações uníssonas, negligentes quanto à pluralidade social e cultural, essenciais às práticas de democracia e cidadãs.

Se os veículos tradicionais marginalizam determinadas comunidades e vozes, a comunicação comunitária surge como alternativa neste cenário de dominação. Deste modo, a

democracia no poder de comunicar é condição para a ampliação da cidadania. É um caminho para o exercício da cidadania em sua dimensão cultural, que por sua vez se entrelaça nas lutas pela democratização das outras dimensões da cidadania, como a econômica e a política. (PERUZZO, 2007, p. 10).

Ainda de acordo com Peruzzo (2002, p. 8)

A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se *sujeito* de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos à sua cultura.

A promoção da cidadania a partir da ação comunicativa se dá em múltiplos sentidos, impulsionando esferas de ação política que incluem, conforme Almeida, Guindani e Morigi (2011, p. 99), “desde a comunicação dos silenciados até os processos mais orgânicos e ampliados de participação, como o de atuação na gestão de uma emissora radiofônica ou nas práticas comunicacionais desenvolvidas pelos agentes dos movimentos sociais.”.

Como estudantes de uma universidade pública, encontramos na extensão um modo de participar da luta pela garantia de comunicação feita por todos e para todos. Paulo Freire (1992) critica o termo extensão por este não congregar aquilo que a prática ideal do trabalho junto à comunidade deveria representar: por diversas vezes, a atividade extensionista é apenas um prolongamento do conhecimento formal para que este prevaleça sobre os saberes e hábitos locais. Em nossa atuação no âmbito da comunicação comunitária, buscamos a ação solidária proposta por Freire, de forma a promover uma troca simétrica de conhecimentos, em que todas as partes envolvidas têm a mesma relevância.

Para refletirmos sobre as aproximações da comunicação comunitária frente às possibilidades da extensão, abordaremos aqui as experiências do Núcleo de Comunicação Comunitária (NUCC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fundado como alternativa para a promoção da cidadania da comunidade e dos estudantes, bem como para engajar a universidade como um todo nesse processo.

### **A experiência vivida: o Núcleo de Comunicação Comunitária**

O Núcleo de Comunicação Comunitária (NUCC) surgiu em 2010 a partir dos esforços de estudantes vinculados ao Diretório Acadêmico de Comunicação (DACOM) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para realizar uma aproximação entre universo acadêmico e moradores da Vila Planetário.

A “primeira semente” foi plantada em uma oficina da Semana Acadêmica da Comunicação da UFRGS em 2010, onde o mestre em Comunicação Social Rodrigo Jacobus falou aos participantes sobre comunicação alternativa, popular e comunitária e “montou” uma rádio que funcionou durante aquela semana na FABICO. Os próprios estudantes mantiveram a rádio e a alimentaram com conteúdos, músicas e informações sobre as palestras e eventos que estavam ocorrendo. (NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA, 2013).



## A partir da semente inicial

(...) e da experiência do acadêmico Matheus Castro no Núcleo de Economia Alternativa da UFRGS – NEA – ([www.neaufrgs.wordpress.com](http://www.neaufrgs.wordpress.com)), foi colocada como uma das propostas para a gestão de 2011 do Diretório Acadêmico da Comunicação da UFRGS (DACOM) a criação de um núcleo que debatesse uma outra forma de comunicação – assim como o NEA fazia na economia. Essa proposta foi aceita pela professora Dra. Ilza Girardi, que, junto com o acadêmico Gabriel Ibarra, escreveu um projeto que criou o Núcleo de Comunicação Comunitária da FABICO – UFRGS (NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA, 2013).

A Vila Planetário fica localizada a apenas alguns metros de distância da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (FABICO). Porém, ambos os mundos nunca haviam se integrado efetivamente: a comunidade universitária muitas vezes estigmatizava a população, ao mesmo tempo em que grande parte dos moradores não tinha conhecimento sobre as atividades que eram desenvolvidas no *campus*. No entanto, é necessário recordar que no passado havia uma biblioteca comunitária no andar térreo da FABICO que acolhia as crianças da vila que eram frequentadoras assíduas do pátio da faculdade depois do horário escolar. Nela, foram realizadas festas para as mães e oficinas de comunicação comunitária, bem como de educação ambiental para as crianças. Com os novos tempos medidas restritivas foram sendo adotadas até que finalmente a entrada das crianças foi barrada e mais adiante a biblioteca fechada.

Em 2011, os estudantes da disciplina de Jornalismo Comunitário, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Ilza Girardi, de forma integrada ao NUCC, desenvolveram o projeto de uma rádio comunitária em parceria com a Vila Planetário. Nossa motivação era possibilitar um aprendizado mútuo sobre realidades tão próximas fisicamente e descobrir nossas afinidades. Ao mesmo tempo, o trabalho deveria mostrar aos estudantes de Comunicação que a preocupação social deve vir em primeiro lugar em sua atividade profissional, além de alertá-los para a precariedade da comunicação comunitária no Brasil e para o papel do conhecimento universitário na mudança deste paradigma – pois acreditamos que as instituições de ensino formal devem estar engajadas no processo de democratização da comunicação no País.

A fim de identificar nossa linha de atuação para promover tal integração, aplicamos um questionário em cerca de 30% das residências da Vila. Os resultados do levantamento mostraram como deveríamos iniciar nosso contato com a comunidade: em primeiro lugar, era necessário nos conhecermos. Precisávamos entender o que os moradores da Vila enxergavam



como comunicação e qual a função de uma rádio em suas rotinas, ao mesmo tempo em que nos apresentaríamos e esclareceríamos que nosso saber acadêmico pouco vale se nos mantivermos alheios à realidade que nos circunda.

No segundo semestre de 2011, com a colaboração dos estudantes da disciplina Laboratório de Comunicação Socioambiental da FABICO, ministrada pelas Professoras Ilza Girardi e Cristine Kaufmann, o NUCC buscou integração maior com a comunidade participando e auxiliando a organização de festas na comunidade. As atividades foram programadas em conjunto com os moradores de Vila. Em princípio, contatamos a Associação Comunitária dos Moradores da Vila Planetário para realizarmos as reuniões, nas quais definimos como daríamos início ao projeto. Ao contrário do que imaginávamos, as crianças foram a parcela da comunidade que mais mostrou interesse nas atividades. Dessa forma, propusemos atividades para que elas pudessem estimular seus familiares e pessoas de seu círculo de convivência a participarem do projeto.

Em outubro, a comemoração do Dia das Crianças, realizada na área de convivência da Vila, contou com a primeira transmissão da Rádio Planetária. Uma antena instalada provisoriamente no local permitiu que todos os moradores sintonizassem a frequência pela qual se transmitia ao vivo a cobertura da festa, permitindo uma aproximação além do público infantil. Na ocasião, o microfone estava aberto para todos aqueles que quisessem se manifestar, dar recados e propor a trilha sonora da festa. Ao longo do dia, também ocorreu um número de apresentação de dança das crianças da Vila e a participação de integrantes do grupo de hip hop Revolução RS e de sua ONG, Ksulo, que desenvolve projetos culturais com crianças e adolescentes em comunidades de Porto Alegre. Os integrantes do NUCC também se responsabilizaram pela parte lúdica, organizando uma barraca com pipoca e refrigerante e pintando os rostos das crianças.

No mês de novembro, dando continuidade às ações de integração via comunicação, o NUCC propôs a exibição do longa-metragem brasileiro *Uma Onda No Ar* (2002). Na história, um grupo de amigos da periferia de Belo Horizonte luta para transmitir a Rádio Favela, emissora comunitária que é criminalizada pelas autoridades e pelo poder público. A sessão foi realizada ao ar livre, de forma acessível a todos os moradores. Em seguida, o NUCC foi convidado para auxiliar na organização da gincana de Natal da comunidade, experiência





repetida em 2012, quando os moradores também disputaram o Gre-Nal<sup>5</sup> da Vila Planetário nas modalidades masculino, feminino, infantil masculino e infantil feminino. Todos os jogos foram transmitidos ao vivo pela Rádio Planetária, instalada no campo Ramiro Souto, no Parque Farroupilha, em Porto Alegre, onde ocorreram as partidas.

Para aproximarmos nosso trabalho da comunidade e da própria Universidade, criamos um *blog*<sup>6</sup>, atualizado com fotos e informações sobre a atuação do NUCC.

Em 2012, ampliamos nossa atuação às demais comunidades do Estado através da realização das oficinas Para Fazer Rádio Comunitária com “C” Maiúsculo, baseadas no conteúdo do livro de mesmo nome, de autoria de Ilza Girardi e Rodrigo Jacobus (2009). A atividade, realizada em parceria com a Associação de Radiodifusão Comunitária do Rio Grande do Sul (Abraço-RS) é dividida em seis módulos realizados na sede da FABICO. A proposta é formar comunicadores comunitários que possam dar continuidade ao trabalho das oficinas. Os ministrantes devem ser capazes de se suceder a cada nova edição do curso, já que novas pessoas estarão capacitadas.

O curso apresenta noções técnicas, como equipamentos necessários para realizar a transmissão da rádio e ferramentas como locução e trilha sonora, além de propor uma discussão sobre democracia e comunicação. Convidados especiais comparecem para relatar suas experiências em rádio e serem questionados pelos participantes em formato de entrevista. Na primeira edição da oficina, o produtor João Vitor Santos e a locutora Rita Gastal, da Rádio Gaúcha<sup>7</sup>, conversaram sobre trabalho, técnica e qualificação pessoal. Itair Linchim, da Rádio RDC Brasil<sup>8</sup>, também contribuiu com informações técnicas sobre radiodifusão.

Nos módulos finais, os integrantes da oficina reúnem-se em grupos para roteirizar, produzir e gravar programas com temáticas de seu interesse. O trabalho é realizado no Estúdio de Áudio da FABICO com o apoio do técnico Neudimar da Rocha. Ao final da atividade, os cerca de vinte participantes receberam certificados no qual UFRGS e Abraço-RS comprovam sua formação como comunicadores comunitários. Entre os participantes da primeira oficina estavam membros de rádios comunitárias existentes ou em vias de se estabelecer, de

---

<sup>5</sup> Partida de futebol que opõe as equipes Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense e Sport Club Internacional, que desperta tradicional rivalidade entre os torcedores do esporte no Rio Grande do Sul.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://nuccufrgs.wordpress.com>>

<sup>7</sup> Emissora de rádio pertencente à Rede Brasil Sul de comunicação (Grupo RBS), possui grandes índices de audiência no Rio Grande do Sul.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.rdcwebbrasil.com>>.



comunidades como Restinga e Belém Velho, além de jornalistas diplomados e estudantes universitários com interesse na comunicação comunitária.

A segunda edição da oficina teve início em maio de 2013. Apesar do aumento da demanda – foram mais 35 participantes no primeiro módulo –, a maioria dos presentes são estudantes, que, em grande parte, não têm a vivência comunitária. Portanto, ainda identificamos dificuldades na efetiva aproximação com a população de comunidades que vivam processos de exclusão, as quais poderiam se apropriar da comunicação para contribuir com a cidadania em seu ambiente.

### **Desafios que persistem e possibilidades vislumbradas**

Após as diferentes experiências proporcionadas pelo NUCC, cabe reiterarmos que, cada vez mais, acreditamos no potencial transformador da comunicação comunitária. Esta se configura como alternativa às práticas realizadas pela grande imprensa, dominante e uníssona. Entretanto, ainda vivemos alguns períodos de angústia nas atividades do Núcleo, o qual se situa em um permanente repensar-se, para melhor contemplar os objetivos que o balizam.

Como destacamos anteriormente, uma de nossas maiores dificuldades é alcançar efetivamente o público jovem e adulto das comunidades, com autonomia e vivências que os capacitam como comunicadores e gestores desse bem coletivo em que se constitui a rádio comunitária. Devido ao interesse das crianças da Vila Planetário pelo projeto, buscamos oferecer ações que as contemplassem. Apesar de nosso foco ser a implementação da rádio comunitária, também auxiliamos a Associação Comunitária dos Moradores da Vila Planetário a planejar a estruturação de um telecentro no mesmo prédio em que funciona a creche comunitária da Vila.

No entanto, a participação da comunidade ficou restrita a essas aproximações realizadas na Vila. Embora comparecêssemos a muitas reuniões da Associação, poucos moradores aceitavam nosso convite para comparecer à Universidade para conhecer os aparatos técnicos disponíveis e conversar sobre comunicação, ainda que em nossa companhia. Também não tivemos pessoas da Vila inscritas nas duas edições das oficinas de rádio comunitária, embora tenhamos divulgado a atividade junto aos moradores. Frente ao impasse, nos questionamos sobre se a resistência dos moradores a circular no espaço da universidade com a mesma liberdade com que os membros do NUCC transitam no espaço da Vila é

relacionada ao que a Universidade, anteriormente alheia aos seus problemas, representa a eles, ou se a aproximação do Núcleo ainda não conseguiu sensibilizar a comunidade.

Embora o NUCC tenha ampliado sua atuação para além da Vila Planetário através das oficinas, percebemos que outras tentativas de aproximação, no sentido da comunicação para a cidadania, estão sendo realizadas pela Universidade após a nossa experiência: no curso de Jornalismo, a disciplina obrigatória de Webjornalismo, ministrada pela Profa. Dra. Luciana Mielniczuk propõe a produção de conteúdos para a Vila. Os projetos desenvolvidos pelos estudantes – textos, vídeos, podcasts, entre outros – serão divulgados na internet, por meio da criação de blogs. Nesse sentido, mesmo que a iniciativa ainda se mostre tímida, acreditamos que, de maneira gradual, a consciência da importância da comunicação comunitária cresce entre os estudantes, assim como a percepção de nossa responsabilidade enquanto profissionais da informação. Da mesma maneira, os moradores também passam a ter maior conhecimento sobre o potencial da comunicação para transformar suas vidas e sua realidade. Portanto, esperamos que ambos os espaços se abram cada vez mais uns aos outros por via desse permanente contato e que a cooperação una as diferentes visões de mundo em vez de dispersá-las.

A partir dessa experiência, imaginamos que a parceria entre Núcleo e atividades de ensino não só da Comunicação, mas também de outras áreas do conhecimento, podem trazer bons resultados para a promoção da cidadania e a expansão da comunicação comunitária. É de interesse do NUCC cooperar para todas as iniciativas que contribuam para uma comunicação democrática e autônoma.

Desta maneira, percebemos que o caminho a percorrer – não apenas pelo NUCC, mas pela comunicação brasileira – ainda é longo e árduo, mas não é impossível. Estabelecendo parcerias, agindo com responsabilidade e comprometimento com a democratização da comunicação e a produção da informação estaremos, enfim, promovendo a cidadania dos indivíduos e uma sociedade mais justa. Os desafios são vários, mas as possibilidades de transformação social são maiores e mais recompensadoras: estamos no caminho certo.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe; MORIGI, Valdir Jose. A rádio comunitária como prática de cidadania comunicativa. In: MORIGI, Valdir Jose; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. **Comunicação, Informação e Cidadania: Refletindo práticas e contextos**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 95-106.

FREIRE, PAULO. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 10ª ed.

GENTILLI, Victor. **O conceito de cidadania, origens históricas e bases conceituais: os vínculos com a Comunicação**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n.19, 2002.

GIRARDI, Ilza; JACOBUS, Rodrigo (Org.). **Para fazer rádio comunitária com “C” maiúsculo**. Porto Alegre: Revolução de Ideias, 2009.

MARSHALL, T. H. Cidadania e classe social. In: \_\_\_\_\_ . **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967, 57- 114.

**NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA**. Fabico Ufrgs. Disponível em: <<http://nuccefgrs.wordpress.com>>. Acesso em: 13 jun. 2013.

**O MAPA da comunicação social** Estudo Donos da Mídia. Disponível em: <<http://donosdamidia.com.br/inicial>>. Acesso em: 08 jun. 2013.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <[http://unicrio.org.br/img/DeclU\\_D\\_HumanosVersoInternet.pdf](http://unicrio.org.br/img/DeclU_D_HumanosVersoInternet.pdf)>. Acesso em: 08 jun. 2013

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O cidadão está nas ruas**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2001.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. PCLA. Pensamento Comunicacional Latino Americano (Online), São Paulo, v. 4, n.1, p. 1-10, 2002.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling . **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Lumina, v. 1, p. 1-29, 2007.

**UMA onda no ar**. Direção: Helvécio Ratton. Produção: Simone Magalhães Matos. Atores: Alexandre Moreno, Adolfo Moura, Babu Santana e outros. Roteiro: Helvécio Ratton e Jorge Duran. Belo Horizonte: Quimera Filmes, 2002. 1 DVD (93 min), son., color.